



# Diário Oficial

Estado de São Paulo

Geraldo Alckmin - Governador

PODER  
Executivo

SEÇÃO I

Palácio dos Bandeirantes Av. Morumbi 4.500 Morumbi São Paulo CEP 05650-000 Tel. 2193-8000

Volume 125 • Número 87 • São Paulo, quarta-feira, 13 de maio de 2015

www.imprensaoficial.com.br

**imprensaoficial**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

## Governo vai criar laboratório de inovação para o setor público

**B**uscar soluções coletivas para problemas complexos do setor público é a proposta do Laboratório de Inovação em Governo (iGovLab), primeiro do gênero a ser criado no País. Com inauguração prevista para a segunda quinzena de junho, a iniciativa resulta da parceria entre Secretaria Estadual de Governo, Universidade de São Paulo (USP), Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (Cepam).



Poupatempo – padrão de excelência do serviço no Estado será utilizado como modelo

**Pioneiro no País, o iGovLab abre espaço permanente para o debate e solução de questões públicas complexas**

O iGovLab adotará metodologias e técnicas gerenciais modernas, centradas na colaboração e na criatividade, como *Design Thinking* (métodos de abordagem de problemas a partir de processos utilizados por *designers*) e o *Storytelling* (técnica de contar histórias que consiste em transmitir eventos na forma de palavras, imagens e sons), entre outras.

Inéditas em órgãos públicos, essas abordagens propõem ouvir a sociedade, gestores e agentes pú-

blicos interessados em um processo, com o objetivo de revê-lo, incorporando melhorias, seguindo os seis passos propostos pelo *Design Thinking*: entender, observar, definir, idealizar, prototipar e testar as soluções encontradas.

**Coletivo** – O laboratório vai adotar como um de seus princípios o aproveitamento das novas tecnologias disponíveis e a inteligência coletiva de servidores e cidadãos, explica Roberto Agune, da Unidade de Inovação da Secretaria Estadual de

Governo; além de incentivar a criatividade, o protagonismo e o empreendedorismo dos participantes na busca por soluções.

“Buscar estender para outros serviços públicos o padrão de excelência atingido pelo Poupatempo (99% de aprovação) está entre os objetivos do projeto”, explica Agune. Hoje, o cidadão pode agendar pela internet ou por telefone atendimento nos 64 postos espalhados pelo Estado. No próprio balcão, cada usuário atribui uma nota ao serviço prestado. Instantaneamente tabulada, essa informação permite aos responsáveis pelo programa tomar decisões gerenciais rápidas e contornar desafios imprevistos (*ver serviço*).

**Interesse público** – Álvaro Gregório, também da Unidade de Inovação e um dos mentores do iGovLab, informa alguns dos temas previstos para análise no laboratório. O Acessa São Paulo – rede estadual com 847 infocentros lançada há 15 anos – será o primeiro. A ideia é rever o modelo de negócio, processos, instalações e serviços ligados ao programa de inclusão digital.

O trabalho dos bombeiros aparece como segunda pauta. Periodicamente, a corporação estuda o conjunto de ocorrências atendidas e analisa as de maior incidência e de periculosidade. No iGovLab, há a proposta de capacitar os agentes desse processo para propor e estabelecer ações preventivas (mais baratas que as ostensivas) e capazes de prevenir situações de risco à população, como incêndios e outros acidentes.

“Preende-se criar um espaço permanente para o Estado atacar problemas de difícil resolução e de caráter multidisciplinar. Questões que abrangem diversos atores públicos e privados em várias áreas, como saúde, segurança e mobilidade urbana”, observa Agune.

Para inovar e formatar soluções, uma das estratégias é apostar na progressiva abertura e integração das bases de dados governamentais, hoje dispersas e fragmentadas em diversas secretarias de Estado e órgãos federais e municipais.

“Uma das ideias é criar uma camada integradora envolvendo esses cadastros e aproveitar essa ‘janela tecnológica’ no iGovLab para propor novos serviços e políticas públicas”, explica Agune. Como exemplo do que pode ser feito, pode-se citar o novo Registro de Identidade Civil.

Este projeto do Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt substituirá o documento de identificação tradicional. O novo RG terá por característica armazenar em memória interna informações pessoais do proprietário, para preservar a privacidade, dar segurança e permitir leitura rápida, via *QRcode* (leitura pela câmera do celular), inclusive em sistemas móveis, em transações públicas e privadas.

**Contatos** – Para sugerir temas ou se comunicar com o iGovLab, o cidadão ou servidor público pode recorrer aos portais da Rede Paulista de Inovação em Governo (iGovSP) e o da Fundap. Também há a opção de contatar a Ouvidoria-Geral do Estado, cujo site direciona o interessado às ouvidorias de secretarias, fundações, autarquias e demais empresas públicas paulistas, responsáveis pela demanda (*ver serviço*).

Todas as manifestações recebidas nas ouvidorias recebem um número de protocolo e ficam registradas nos sistemas internos de informática, independentemente de ser pedido de informação, elogio, reclamação, denúncia, sugestão ou outras demandas. Além disso, o solicitante pode acompanhar pela internet o andamento do seu contato.

Rogério Mascia Silveira  
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

### iGovLab: montagem e estrutura

O iGovLab segue em fase de montagem. O laboratório de inovação será administrado por um comitê gestor e funcionará, em área de 200 metros quadrados, no quarto andar do edifício sede da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap), localizada na Rua Alves Guimarães, 429 – capital.

O espaço inclui ambiente de aprendizagem, com capacidade para 40 pessoas; local para resolução de problemas, para apoiar a criação, desenvolvimento e lançamento de projetos e sala de descompressão, para descanso, troca de ideias e de impressões entre os participantes.

Os encontros presenciais e virtuais do iGovLab terão suas possibilidades ampliadas com quatro lousas digitais e quatro computadores (servidores de redes) cedi-

dos pela USP. Com microfones capazes de capturar o áudio ambiente e câmeras com rotação de 360°, o sistema de videoconferência permite debates e capacitações em tempo real, com participantes geograficamente distantes.

“A inovação em governo é tão importante quanto a tecnológica. Trata-se de caminho promissor para buscar respostas a desafios impostos pela legislação, burocracia e outras questões complexas”, informa o professor da USP e diretor executivo da Fundap, Wanderley Messias da Costa. “Fruto de convênio assinado em outubro de 2013, entre a USP e os demais parceiros estaduais, o iGovLab tem consultoria acadêmica e muita dedicação dos pesquisadores Ulisses Araújo e Ary Plonski ao projeto”, esclarece o professor.



# Os índios brasileiros pe

“Os homens deixam crescer os cabelos, que reerguem, ligando-os ao alto da cabeça, em forma de crista flutuante. As mulheres e as crianças repartem-nos sobre a testa, fazendo-os cair pelos ombros. Nas orelhas, todos ostentam pendentes penas vermelhas, pretas e de cores variadas.

Pouco numerosos são os guatós (grupo indígena): penso que não chegam a 500”, relatou o francês Hercule Florence, em 24 de setembro de 1826, enquanto passava pela região do Rio Pardo, no interior do Estado de São Paulo.

## Exposição em cartaz na Biblioteca Brasileira reconstrói a trajetória de diversas etnias indígenas a partir dos registros feitos por Hercule Florence

São os registros do desenhista, feitos entre 1826 e 1829 enquanto percorria mais de 13 mil quilômetros pelo interior do País, que conduzem o visitante na mostra inaugurada na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), neste mês.

O *Olhar de Hercule Florence sobre os Índios Brasileiros* apresenta o universo de nove povos indígenas brasileiros retratados por ele em desenhos e anotações: Coroados (hoje conhecidos como Kaingang), Kaiapós do Sul, Xavantes Paulistas (atuais Oti e Ofaié), Guaicurus (que se autodenominam Kadiwéus), Guanás (identificados agora como Terenas), Guatós, Bororós, Apiakás e Mundurukus.

“Partimos dos grupos descritos para criar essa exposição que trata da trajetória dos povos indígenas”, explica a curadora Francis Melvin Lee, arquiteta e coordenadora de acervo do Instituto Hercule Florence (IHF), sobre o foco da realização.

FOTOS: GENIVALDO CARVALHO



Exposição no MAE apresenta a história de nove etnias indígenas brasileiras



Conteúdos em tablet, fotografias, vídeos, M



Maria Júlia: “Adoro ver essas peças do MAE aqui”



Francis - É incrível o realismo retratado

**Faceta desconhecida** – A característica principal do trabalho do artista, a preocupação em retratar o que via realisticamente, foi a inspiração da iniciativa. A curadora informa que o fato de as produções de Florence revelarem um olhar objetivo e minucioso na tarefa de representação da natureza fez com que se tornasse importante documento de referência para os especialistas do século 19. “Sobretudo por causa disso, geralmente suas produções mais exploradas são as que tratam da fauna, da flora e da fotografia. Aqui, quisemos aproveitar essa

faceta do Hercule mais desconhecida, relacionada aos índios, para falar da história desses povos”, conta Francis.

Uma comparação elucidativa a respeito dessa especificidade da sua técnica, de acordo com a arquiteta, pode ser facilmente percebida na exposição. Para isso, apresenta uma gravura feita por seu contemporâneo Jean Baptiste Debret, pintor da corte, de um Guaicuru a cavalo. “O Hercule não pintaria uma imagem dessas, em que se vê um índio viril, idealizado. Até parece uma personagem de filme de caubói”, diverte-se.



Exposição está montada na Sala Multiúso da Bibliote

**Etnias** – O intento resultou num panorama da situação dos índios desde o século 19 até hoje, com informações históricas e atuais, criado principalmente por meio dos desenhos, aquarelas e manuscritos de Hercule. “Por esse modelo, percebe-se que algumas etnias viviam bem naquela época, sendo depois extintas, dizimadas. Há também o contrário, alguns grupos escravizados e que hoje estão bem, como os Kaiapós”, afirma a curadora.

O passeio pelo mundo desses povos abrange ainda o contato com desenhos e relatos de outros viajantes, peças etnográficas que pertencem ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e livros do acervo da BBM. As três instituições são parceiras na realização, que tem ainda a curadoria de Glória Kok, pesquisadora do MAE.

Fotografias, vídeos, conteúdos em tablets, mapas e infográficos, complementam o quadro sobre o tema com os dados mais recentes das trajetórias dos grupos. Em maior parte, as informações são fruto das pesquisas de outro colaborador da mostra, o Instituto Socioambiental. Segundo Francis, a iniciativa foi impulsionada pela sugestão da historiadora Maria Luíza Tucci Carneiro, do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação, da USP (LEER-USP), que estava organizando seminário sobre cultura indígena, para falar sobre genocídio.

A colaboração de várias instituições possibilitou a concretização do projeto. “O



Os Apiakás também foram retratados pelo artista



Cinto emplumado do grupo Munduruku



Gravura de Debret retrata um Guaicuru montado a cavalo

Julian,

Floren



# O olhar de um pioneiro



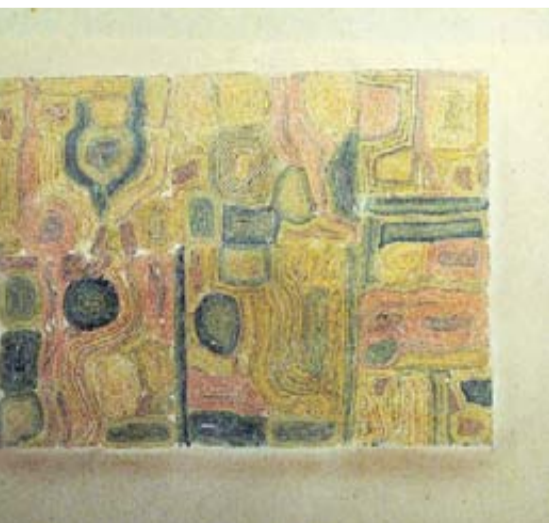
Mapas e infográficos integram a mostra



Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin



com a amiga Lira, surpreso com a qualidade da pesquisa



ce produziu papel inimitável para evitar falsificação

objetivo do IHF é atuar em conjunto e de modo interdisciplinar, como ocorre com o LEER. Assim, juntamos nossas vocações”, diz Francis. O resultado da parceria está em pauta no seminário *Índios do Brasil: Vida, cultura e morte*, que acontece até amanhã (14), na BBM-USP, organizado pelo LEER-USP.

*O Olhar de Hercule Florence sobre os Índios Brasileiros* fica em cartaz até 30 de junho, com entrada gratuita. A iniciativa tem a parceria da Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Programa de Ação Cultural (ProAc), e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, responsável pela BBM.

**Peças raras** – O material de Florence exposto na mostra foi produzido para a Expedição Langsdorff, viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (pelos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Pará), realizada entre 1824 e 1829, e organizada pelo médico alemão, naturalizado russo, Georg Heinrich von Langsdorff. O objetivo da aventura foi fazer um inventário científico do interior do País no século 19, com registros dos aspectos mais variados da natureza e sociedade.

O artista francês foi contratado para integrar a equipe como segundo desenhista, ao lado do alemão Johann Moritz Rugendas. “Por sua natureza curiosa e científica, Florence realizou a maioria dos desenhos e muitos registros escritos”, conta Francis. O realismo de Florence salta aos olhos na mostra, ao se comparar as peças originais do grupo Munduruku, pertencentes ao acervo do MAE, datados de mais de um século, e o desenho feito por ele de um indivíduo do grupo. “É incrível ver como os adornos vistos no retrato são fiéis a esses usados pelos índios”, constata a curadora.

As peças são as mais antigas da coleção indígena do museu e, pela primeira vez, estão expostas. “São muito delicadas, e só saíram do MAE desta vez porque iriam para um local muito próximo e pela relevância da mostra”, afirma a curadora.

A estrutura criada para apresentar o universo indígena ao visitante também buscou aliar as conjunturas da produção do artista ao foco da mostra. Por isso, o material expositivo está numa sequência relacionada à da própria trajetória da expedição e dividido pelas etnias indígenas, sendo abordado nas tabuletas em três tempos: o do olhar de Florence, que revela descrições dele sobre cada grupo indígena; o histórico; e o da situação atual.

Outras curiosidades da exposição são as vitrines que tratam dos viajantes do século 19 e do Florence inventor. Nestas, pode-se conhecer aspectos da sua personalidade múltipla e científica, exibidos com alguns manuscritos, desenhos e as próprias criações, a exemplo do papel inimitável, que ele produziu em 1870 para ser usado em cédulas de dinheiro e evitar a falsificação.

**Reconhecimento** – Em visita ao Brasil, o estudante de filosofia colombiano Julian Gil, de 28 anos, foi levado à exposição na BBM pelas amigas Lira Alli, de 26 anos, e Maria Júlia Vicentin, de 21, estagiária do MAE e que participou do trabalho de montagem. De origem indígena, Gil disse estar surpreso com a qualidade da pesquisa. “Até achei minha etnia aqui, no mapa: os Chibcha, que são a minha ascendência”, disse, empolgado.

Para Maria Júlia, que está no 3º ano de ciências sociais e se diz “muita realizada com a participação na mostra”, a



Vitrine dedicada aos índios Guatós

iniciativa é um exemplo, pois insere um material fascinante no seu contexto histórico. “Adoro ver essas peças do MAE aqui”, diz a estudante.

Lira ressalta a oportunidade de se ter uma perspectiva da nossa origem no local. “Tem a ver com o que tenho pensado muito: O que é ser brasileiro? O que temos em comum em toda a América Latina?”, questiona a estagiária do MAE.

Simone de Marco  
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

**SERVIÇO**

**O Olhar de Hercule Florence sobre os Índios Brasileiros**  
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – Sala Multiúso  
Rua da Biblioteca, s/nº – Cidade Universitária – Butantã – São Paulo – SP  
De segunda a sexta-feira, das 8h30 às 18h30  
Entrada gratuita  
Informações no site [www.bbm.usp.br](http://www.bbm.usp.br) ou pelo telefone (11) 2648-0310  
[contato@ihf19.org.br](mailto:contato@ihf19.org.br)

## O pai da fotografia

Antoine Hercule Romuald Florence (Nice, França, 1804 – Campinas, SP, 1879) foi um homem de múltiplos interesses. De um deles, a fotografia, teria sido o pai, de acordo com o trabalho do jornalista e professor Boris Kossoy, que, entre 1972 e 1976, investiu em uma ardorosa pesquisa e reconstituição de métodos, técnicas e processos para revelar o fato no livro *1833: A descoberta isolada da fotografia no Brasil* (Editora Duas Cidades, 1980).

O livro e o trabalho de Kossoy, incluindo a reprodução dos métodos de Florence, foram registrados nos laboratórios do Rochester Institute of Technology e resultaram no reconhecimento internacional do pesquisador franco-brasileiro na descoberta da fotografia. Historicamente, o invento foi atribuído aos também franceses Louis Daguerre e Joseph Nicéphore Niépce que, juntos, conseguiram criar o processo de revelação fotoquímica e propagá-lo em 1839.

Anos antes, em 1832, Florence foi o inventor isolado de um processo de gravação através da luz, que batizou de *Photografie*. O processo de Florence, desconhecido publicamente durante quase 150 anos, era mais eficiente do que o de Daguerre, conforme a publicação detalhada do sistema da *photografie* na revista *A Phenix*, de 26 de outubro de 1939, e reproduzido no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, dois meses depois.

A verdadeira história da fotografia no Brasil, e no mundo, de acordo com Kossoy, começou então em 1832, na Vila de São Carlos (atual cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo), onde Florence residiu ao voltar da Expedição Langsdorff. “Ali, ele realizou suas primeiras imagens fotográficas”, comenta a curadora Francis.

O próprio artista, ao ver a fotografia declarada de domínio público pelo governo francês, registrou em um de seus manuscritos: “A fotografia é a maravilha do século. Eu também já havia estabelecido os fundamentos, previsto esta arte em sua plenitude. Realizei-a antes do



processo de Daguerre, mas trabalhei no exílio. Imprimi por meio do Sol sete anos antes de se falar em fotografia. Já tinha lhe dado esse nome, entretanto, a Daguerre todas as honras”.

**Pioneiro** – Filho de médico militar e uma nobre francesa, desde cedo Florence manifestou curiosidade por desenho, ciências e pelas famosas expedições de viajantes europeus ao Novo Mundo. Chegou ao Brasil em 1824, como tripulante de um navio francês.

Trabalhou no comércio e numa empresa tipográfica, antes de ingressar na Expedição Langsdorff, ocasião na qual também concebeu um método para a transcrição do canto dos pássaros que denominou *zoophonia*.

Florence é responsável por diversas outras invenções, entre elas a *polygraphie* [poligrafia] – sistema de impressão simultânea de todas as cores primárias. Criou ainda um tipo de papel. Lançou, em 1842, *O Paulista*, primeiro jornal do interior da província de São Paulo. Em 1858, imprimiu, em sua litografia, o *Aurora Campineira*, primeiro jornal de Campinas. É ainda autor de vários livros, entre os quais *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*, publicado em 1875.